

Ambiente Econômico

Próximos desafios: construir o futuro do País

Parte do anedotário brasileiro nos últimos anos de crise dizia que estávamos no fundo do poço, mas o perigo estava naquela pá à mão, que sempre permitia que se cavasse mais um pouco, o que se mostrou a mais pura realidade. Vivemos momentos difíceis, mas aquela que se mostrou a maior crise econômica no país sempre encontrava um jeito de piorar ainda mais.

No final do ano passado, os principais indicadores que desenham o comportamento da economia brasileira começaram finalmente a se mostrar mais consistentemente positivos apontando para uma recuperação e é isso que começamos a vivenciar neste exato momento. Os pontos de inflexão começam a surgir e os índices (ainda não todos os essenciais) começam a se tornar azuis indicando que o balde que bateu no fundo seco do poço podia começar a ser içado trazendo água para saciar a sede da população.

O que se verifica é que, passados tantos anos de descaso, o balde ressecado apresenta sinais de desgaste e alguns buracos por onde escapa a água trazida a duras penas lá de baixo.

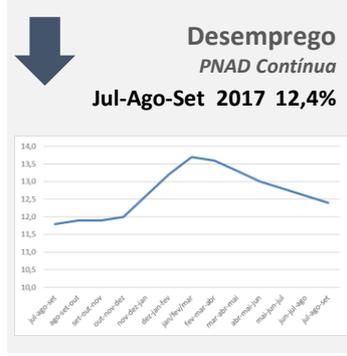
São buracos estruturais e que se não consertados podem fazer com que o balde de rompa definitivamente e restemos com duas alternativas, construir um novo que pode levar anos e anos ou então deixá-lo despencar pelo poço e se esborrachar lá embaixo.

Certamente a atitude mais coerente é continuar a trazer água para cima, porém e ao mesmo tempo tapar os buracos existentes. Um deles certamente, já estamos cansados de saber, é o rombo da Previdência, aqui entendida com sendo um conjunto de benefícios que abrange os três universos de trabalhadores ou categorias existentes no país, a saber: os trabalhadores da iniciativa privada, os funcionários públicos e os militares, cada um com regimes previdenciários distintos, sendo os dois últimos francamente depredadores dos benefícios do primeiro.

Os outros buracos principal deste nosso balde econômico traduzem-se pela necessidade da reforma tributária e pela reforma eleitoral, especialmente naquilo que pode contribuir positivamente para os aspectos de gestão do país.

Por fim, mas não menos importante, está a necessidade de se construir um projeto nacional de futuro. Todas as grandes economias possuem seus projetos de futuro e sabem aonde querem estar em diversos aspectos daqui a alguns anos. E o Brasil, alguém sabe dizer para onde vai? O que se espera do país no contexto tecnológico, no contexto industrial, na transformação definitiva da agricultura? E os aspectos sociais, a educação, a saúde, a segurança? Qualquer média e grande empresa realiza seu planejamento estratégico e o revisa constantemente. E nós? Até quando vamos esperar para consolidar tantas ações dispersas, desconectadas e desorientadas para conduzir o país? É certo que existem decisões oficiais muito acertadas, assim como caminhos construídos no âmbito da academia e da técnica, mas que parecem não possuir algo que os vincule e um objetivo maior. Esta parece ser mais uma das responsabilidades que a classe empresarial terá que assumir, se pretender construir um ambiente socioeconômico de real valor para as empresas e para os cidadãos. É fundamental que o Brasil seja visto como um todo e não como uma somatória de pedaços, em geral, envoltos em inúmeros interesses pessoais e setoriais.

Dashboard



Destaque do Mês

Empregos: os efeitos reais da crise e de sua recuperação

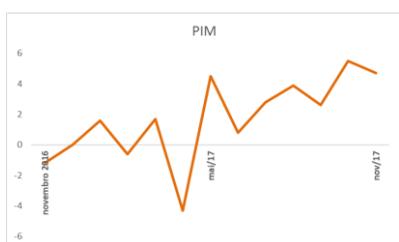
O CAGED – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados divulgou em Janeiro os dados que consolidam o ano de 2017 que mostraram que neste ano o país ainda registrou mais dispensas do que contratações chegando ao saldo negativo de 20.832 vagas. Dois aspectos são fundamentais ao se olhar estes números. Em primeiro lugar é óbvio que chegar a um saldo negativo não é bom para nenhuma economia e este aspecto foi bastante divulgado pela imprensa. Porém, alguém se preocupou em verificar qual o saldo dos dois últimos anos? Em 2015, o saldo negativo foi de 1.542.371 e em 2016, também negativo de 1.326.558, ou seja, o saldo ruim de 2017 corresponde a 1,4% da média dos saldos destes dois anos anteriores. Se não podemos comemorar de forma efusiva, que ao menos possamos entender que a recuperação está efetivamente em curso e o desemprego em queda.

Outro aspecto importantíssimo de ser observado no detalhe destes números, diz respeito à avaliação dos saldos por setores econômicos. Olhando apenas a indústria de transformação verifica-se que esta indicou um saldo negativo de 19.900 vagas. Olhando indústria a indústria percebe-se que ao mesmo tempo em que a indústria de produtos minerais não metálicos apresentou saldo negativo de 14.757 vagas, a indústria têxtil acrescentou 2.679 vagas e a indústria de alimentos e bebidas mais 8.981 vagas. A construção civil, ainda pensando em sua recuperação contribuiu com um saldo negativo de 103.968 vagas. O comércio por sua vez, conquistou 40.087 vagas, sendo 26.563 no varejo e 13.524 no atacado. Ainda como destaque aparece a agricultura, que além de alavancar positivamente o PIB também criou 37.004 vagas ao longo do ano passado.

Mesmo sem entrar no detalhe regional, que também mostra diferentes performances ao longo do ano é fundamental que nos debruçemos sobre estes índices e, principalmente pelos que virão e que indicarão tendências, para que se possa avaliar com mais exatidão o que é, efetivamente, fruto da crise e o que é fruto de mudanças estruturais no perfil econômico do país. Número analisados sem profundidade, não servem para nada, além de produzir manchetes de jornal.

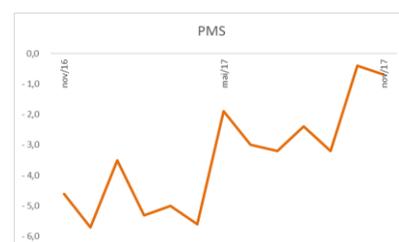
Indústria

Indústria cresceu 0,2% em Novembro em relação a Outubro e sobe 4,7% em comparação com Novembro de 2016



Serviços

O setor de Serviços ainda enfrenta dificuldades. Em Novembro 2017 em relação a Novembro 2016 apresentou queda de 0,7%.



Endividamento compromete o consumo

A Confederação Nacional do Comércio – CNC divulgou a pesquisa sobre o endividamento das famílias brasileiras em 2017, assim como faz todos os anos. O que se verifica é que ainda existe um número significativo de famílias comprometidas com o endividamento, o que, por si só acaba comprometendo o consumo. Em 2017 60,8% das famílias brasileiras estavam endividadas, ressaltando-se que aqui se incluem as dívidas com financiamentos de veículos e também de habitação. Talvez o mais preocupante seja o crescimento do número de famílias que se julgam sem condições de quitar dívidas em atraso, fortemente motivadas pelo desemprego que as assola. O gráfico mostra a evolução deste índice ao longo do tempo.

Outro dado preocupante é que em 2017 as dívidas com cartão de crédito foram responsáveis por 76,7% das dívidas enquanto que o financiamento imobiliário foi de apenas 8,2%, o cheque especial de 6,7%, crédito pessoal 10,3%, crédito consignado 5,6% e carnês em geral 15,7%. Estes números indicam que, enquanto o mercado de trabalho não se recompuser, as dívidas não têm como ser pagas e isto impacta ainda mais a recuperação do varejo de forma geral. As dívidas com carnês, que em última análise estão ligadas às compras das famílias, aparecem em segundo lugar, mostrando que a intenção de consumo do brasileiro permanece forte e pode melhorar significativamente, uma vez equacionado o fluxo de recursos.

